

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
CLAUDIA CARDINALE!
2 e 6 de abril de 2026

THE PINK PANTHER / 1963

A Pantera Cor de Rosa

Um filme de **Blake Edwards**

Realização: Blake Edwards / Argumento: Maurice Richlin e Blake Edwards / Fotografia: Philip Lathrop / Direcção Artística: Fernando Carrere / Montagem: Ralph E. Winters / Figurinos (para Claudia Cardinale e Capucine): Yves Saint-Laurent / Música: Henry Mancini / Genérico e animação: Fritz Freleng (DePatie-Freleng) / Intérpretes: David Niven (Sir Charles Litton), Peter Sellers (Inspector Jacques Clouseau), Robert Wagner (George Litton), Capucine (Simone Clouseau), Claudia Cardinale (Princesa Dala), Brenda de Banzie (Angela Dunning), Colin Gordon (Tucker), John Le Mesurier (advogado de defesa), James Lanphier (Saloud), Fran Jeffries (a "prima" grega), etc.

Produção: Mirisch G-E, para a United Artists / Cópia: 35mm, cor, versão original legendada em castelhano, com legendagem eletrónica em português / Duração: 115 minutos / Estreia Mundial: Londres, em 7 de janeiro de 1964 / Estreia em Portugal: S. Jorge, em 17 de dezembro de 1964; reposição: S. Jorge, em 16 de maio de 1980

Argumentista antes de passar à direcção, Blake Edwards distinguiu-se por um "faro" especial para a comédia. Como argumentista assinou, entre outros, **My Sister Eileen/Há Falta de Homens** e **Operation Mad Ball/Nem Guerra Nem Paz**, dirigidos por Richard Quine. Como realizador explorou vários géneros, entre os quais um thriller de boa feitura, **Experiment in Terror/Uma Voz na Escuridão**, chegando, inclusivé, a abordar o western com **The Wild Rovers/Vagabundos Selvagens**, onde não se mostrou muito à vontade. Foi, mais uma vez, na comédia onde Edwards marcou pontos, na sofisticada **Breakfast at Tiffany's/Boneca de Luxo** e na screwball **The Perfect Furlough/Um Solteiro em Paris**. Mas a sua maior popularidade conquistou-a quando acrescentou o elemento de burlesco àquelas duas variantes da comédia. **The Pink Panther** foi o ponto de partida.

O projecto do filme surgiu quando Edwards e o argumentista Maurice Richlin tiveram a ideia de um filme sobre um desastrado detective que poderia ser, na forma de vestir (a gabardine) uma paródia de Bogart, e a ideia foi ganhando forma com a personagem de um ladrão de "luva branca", avatar de Arsène Lupin e Raffles, que tinha tradições no cinema (do genial **Trouble in Paradise/Ladrão de Alcova** de Ernst Lubitsch, ao belíssimo **Les Aventures d'Arsène Lupin/Arsène Lupin** de Jacques Becker), e que trocava as voltas ao polícia. Quando o projecto teve pernas para andar o actor para o papel do sofisticado ladrão ficou desde logo escolhido, David Niven, que tinha a imagem exacta com a sua elegância e pose de gentleman. Aliás tinha experiência no género pois interpretara em 1940 a figura de outro "ladrão elegante", **Raffles**, no filme do mesmo nome realizado por Sam Wood. Os restantes membros do elenco originalmente previsto eram Peter Ustinov no inspector Clouseau, Ava Gardner na sua mulher e Audrey Hepburn na princesa. Mas Hepburn seria substituída pela italiana Cláudia Cardinale na sua estreia no cinema americano e Ustinov recusou o papel de Clouseau quando soube que Ava (de quem era amigo) ia ser substituída por Capucine. Há mudanças que fazem história. A entrada de Peter Sellers para o lugar de

Ustinov foi uma delas. O papel acabou por se lhe "colar" ao corpo de tal forma que quando tentaram outro actor para fazer de Clouseau (Alan Arkin em **Inspector Clouseau/O Inspector Clouseau**, de Bud Yorkin-1968, terceira entrada em cena da personagem) o filme foi um flop. **The Pink Panther** foi de tal modo um sucesso que Edwards alterou o argumento do filme que ia fazer a seguir, **A Shot in the Dark/Um Tiro às Escuras**, adaptado de uma peça de Marcel Achard, de modo a incluir o famigerado inspector. O filme seria um sucesso ainda maior. Edwards retomaria a figura 11 anos mais tarde para uma série de seis filmes cada vez mais desinteressantes, do ainda excelente **The Return of the Pink Panther/O Regresso da Pantera Cor de Rosa**, ao sinistro **Curse of the Pink Panther/A Maldição da Pantera**, acrescentando ainda uma "coda" medíocre, **Son of the Pink Panther/O Filho da Pantera Cor de Rosa**, com Roberto Benigni no herdeiro de Clouseau.

O genérico de **The Pink Panther** ficou também famoso, e foi peça importante no sucesso do filme. Fritz Freeling concebeu um irresistível desenho animado que surge após o pré-genérico que decorre "once upon a time" num reino oriental onde uma pequena princesa recebe do pai um diamante fabuloso que tem, no interior, um pequeno defeito, uma mancha que se assemelha a uma pantera preparando-se para saltar. A câmara avança para a jóia e surge o desenho que iria ter uma vida auspiciosa (para além de todos os filmes da série apresentarem um genérico que põe frente a frente a pantera e o inspector, teve também uma longa série independente que fez as delícias de crianças e adultos na televisão, nos programas apresentados por Vasco Granja, que acabaria por ficar com a fama, entre os miúdos, de "pai" da pantera). A "pantera" intromete-se no genérico, colocando o seu nome em (quase) todas as funções técnicas, e procedendo a uma série de partidas e trocadilhos. Um destaca uma característica de todas as comédias de Blake Edwards: as referências eróticas que ao longo dos filmes seguintes irão mesmo resvalando para o obscuro. Do trocadilho feito pela pantera com o seu nome "Her Pink Pant" ao uso dos preservativos luminosos em **Skin Deep/O Amor É Uma Grande Aventura**. Mas as piadas sexuais recorrentes nos seus filmes, encontram-se também aqui com frequência: é o caso do famoso gag com o champanhe na cama de Clouseau com a mulher, e o interrogatório final do advogado sobre a forma como Simone (Capucine) arranjava dinheiro para as suas luxuosas toilettes. Neste campo **The Pink Panther** não ultrapassa o humor revisteiro (embora aqui esteja valorizado pelo talento dos intérpretes). Onde o filme de Edwards se destaca é no humor visual. Edwards, grande admirador de Laurel e Hardy (a que dedicou o seu irresistível **The Great Race/A Grande Corrida à Volta do Mundo**) compraz-se em construir as situações mais ridículas com um tom "sério", por vezes usando de métodos do slapstick, se não mesmo do desenho animado (a cena em que Robert Wagner "atropela" David Niven na neve com os esquis), por outras, e mais frequentes, explorando os mais ínfimos pormenores e gestos de Peter Sellers (as mãos dentro dos pratos) e trabalhando lentamente com o efeito de repetição (toda a irresistível cena do quarto de Clouseau com a mulher e os sucessivos pedidos desta que o levam a sair da cama, fora do enquadramento) ou com a confusão dos jogos de escondidas vindos do burlesco mudo (Niven e Wagner escondidos no quarto de Clouseau), e que culmina na festa final (que, infelizmente, nos frustra as expectativas, pelo que se adivinhava, mas que Edwards só nos dará naquele que é talvez o seu melhor filme deste género, **The Party/A Festa**), e na perseguição que se lhe segue, onde se destaca a personagem do velho que após tentar passar a rua se fica placidamente a contemplar o "encontro" final dos carros. Falta ainda o julgamento e a inesperada conclusão que formam a cereja sobre este saboroso bolo feito por Blake Edwards.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico